

NUNO NEPOMUCENO

AUTOR
REVELAÇÃO



A HORA SOLENE

Lutai, vós, homens de valor.



TOPBOOKS

NUNO NEPOMUCENO

A HORA SOLENE

Lutai, vós, homens de valor.



TOPBOOKS

Título A Hora Solene

Autor Nuno Nepomuceno

Todos os direitos para a publicação desta obra reservados por:

TopBooks

Campo Pequeno, n.º 21, 3.º Esq. 1000-079 Lisboa

Tel.: (+351) 214 094 260 | Fax: (+351) 214 094 136 | Tlm.: (+351) 961 563 353

E-mail: editorial@topbooks.pt

www.topbooks.pt

www.facebook.com/topbooksportugal

Capa Addmore Branding & Architecture

Coordenação editorial Fernando Gabriel Silva

Revisão ma \in netic

Pré-impressão ma \in netic

Impressão e acabamentos Guide Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal ??????

Edição ??????

ISBN ??????

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio, sem o consentimento expresso do editor. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

Moscovo, antiga União Soviética
Arredores da Praça Vermelha,
meados da década de oitenta

Um presságio fúnebre abateu-se sobre a noite. De cigarro aceso na mão, o vulto fitou a tempestade distante e permaneceu imóvel. Algo o perturbava de modo inexplicável. Há muito que a vida abandonara a ruela, vetando-a a um quase silêncio asfixiante. Restavam somente os colegas, sombras ocultas pelas trevas, o ínfimo restolhar da água a esvair-se pelas sarjetas e aquele pequeno som. Ia e vinha amiúde, numa cadência infernal, inconstante, nítida a espaços, mas mesmo assim claramente evidente. O angustiante choro de uma criança.

Quase em surdina, o trabalhar de um motor automóvel fez-se anunciar. Com ele, a fraca luz de uns faróis entrou na rua. Incógnito debaixo de uma varanda, refugiado na escuridão, o vulto limitou-se a observar enquanto estacionava. Por momentos, nada aconteceu, até que uma figura masculina saiu do carro e começou a caminhar na sua direcção. A visão longínqua da Torre do Salvador pelas suas costas, uma das inúmeras fortificações da muralha do Kremlin, recordou-lhe onde se encontrava. Contudo, não era isso o mais importante naqueles passos regulares que se cruzaram com ele e rapidamente se afastaram. Sim, o barrete dobrado nas mãos, o sinal pelo qual aguardava.

Uma explosão de proporções colossais fez tremer a transversal. De olhar preso em frente, consequência imediata do repentino surto de claridade que emanou da Praça Vermelha, o rosto do homem iluminou-se durante dois segundos. Não mais, apenas os suficientes para que pudesse consultar o antigo relógio de pulso, a única migalha de afecto deixada pelo pai.

Enregelado pelo frio moscovita, o diplomata largou o cigarro e apagou-o com o pé. Não fumava. Tratava-se unicamente de um acessório, tal como a elegante arma que guardava no interior do grosso casaco. Do outro lado do passeio, nervoso, um promissor jovem que o secundava agitou-se. Novamente imerso na obscuridade, o vulto manteve-se impassível e contou até sessenta. Mais de um minuto decorreu.

Em crescendo, a sirene de uma ambulância ganhou forma e quebrou a quietude dominante. Aproximava-se progressivamente e foi seguida por muitas outras, até que todas se uniram num curso premente de auxílio colectivo. O homem abriu os olhos e respirou fundo. A distração resultara em pleno e as autoridades soviéticas estavam devidamente ocupadas. Meses, anos de vigilância e troca de informações secretas haviam-no conduzido até ali. E chegara finalmente a sua hora solene.

Filhos da noite, quatro dos oito espões distribuídos pela rua começaram a correr sobre a calçada molhada. Os outros ficaram encarregados da vigilância. A operação estava em curso, o território francamente hostil, e o risco de serem descobertos pelo KGB era substancial.

Com a *Glock* firmemente segura nas mãos, o diplomata disparou sobre a porta do prédio. A fechadura ofereceu uma resistência irrisória e o grupo vestido de negro irrompeu escadas acima. Ali dentro, reflectido pelas paredes revestidas a mármore, o choro do bebé era ainda mais inquietante. Clamava pela vida e ganhava uma força avassaladora enquanto galgavam os degraus.

Assustada, uma mulher que vinha a descer gritou. O líder fez-lhe um sinal mudo com a arma e ela refugiou-se imediatamente no interior de um dos apartamentos. Não protestou. De cabelo comprido, andar arrastado, aparência vulgar e casaco de peles barato, era óbvio que estava habituada a sobreviver num regime em que a violência era a principal forma de persuasão.

Sem tempo a perder, a força de intervenção prosseguiu e chegou finalmente ao último piso. Só a frágil visão de uma porta de madeira os separava do objectivo. Isso e o ininterrupto chamamento a que haviam resistido toda a noite, o estridente pranto de uma criança.

O diplomata impediu um colega de se precipitar e respirou fundo. Apontou a arma à fechadura e rebentou-a ele mesmo com apenas um tiro. Os quatro intrusos penetraram na escuridão e alguém pressionou um interruptor.

Um homem consternado, consumido pelo desespero, levantou a cabeça dos joelhos e encarou-os. Tinha uma expressão invulgar de desalento e desilusão pintada nos olhos claros, e lágrimas escorriam-lhe rosto abaixo, consumido pela impotência.

Desnortado pelo choro incessante, o diplomata apontou-lhe a arma e exigiu saber onde se encontrava o projecto. Era em nome dele que ali estavam naquela noite. O seu oponente, ou o que pouco restava dele, nem sequer reagiu. Limitou-se a acenar com a cabeça e a murmurar algo imperceptível em russo. O líder da equipa de intervenção voltou a insistir, procurando não perder a calma. O cientista, Sacha Lebodin sabiam ser o seu nome, olhou melancolicamente na direcção do som e torceu a boca num esgar. Deixara claramente de acreditar na vida.

Stephen, o jovem britânico que o acompanhava, exaltou-se. Frustrado, apontou também ele a sua própria *Glock* ao homem. Apaziguador, o vice-embaixador francês em Londres, espião ocasional, colocou-lhe um braço à frente e deteve-o. Meses, anos de crença numa ideia fantasma terminavam ali. E ele percebera finalmente qual o verdadeiro móbil do tão famigerado projecto.

Tiros ouviram-se provindos da rua. O KGB havia chegado e uma batalha para abandonarem Moscovo em segurança e com êxito estava a começar. Experiente, Armand Smith, filho do ausente co-fundador da agência de informação semigovernamental para a qual trabalhava, não se deixou intimidar. Ordenou aos colegas que prendessem o cientista. Em simultâneo, a criança deixou subitamente de chorar. E um silêncio aterrador tomou conta do apartamento.

Manietado, o homem gritou de horror. Um mar imenso de mágoa e decepção fugiu-lhe dos olhos enquanto fitava insistentemente uma das portas. Aterrorizado, dizia palavras que só ele compreendia, expressando de modo inequívoco o que todos rapidamente compreenderam. Um pequeno anjo decidira abandoná-los.

O diplomata trocou um olhar consternado com o seu jovem colega e seguiu na direcção de onde julgava encontrar-se a criança. Escondida atrás das grades de um berço de aspecto rudimentar, uma menina revelou-se no interior de um dos quartos. Acossada a um canto, deveria ter uns três ou quatro anos. O cabelo era louro, quase tão branco como a neve, e fitava-o através de uns gélidos olhos azuis pigmentados por um brilho de morte. Com a testa a latejar, Armand aproximou-se, céptico, receoso em relação ao que o poderia aguardar. E foi então que o viu. O bebé estava lívido, sem cor, irrisoriamente pequeno e magro.

A visão do recém-nascido deitado sobre o cobertor despoletou um surto de emoções no vice-embaixador. Fê-lo recordar-se do pai, do quanto sentira a sua falta durante a infância, e de Sílvia, a sua bonita mulher, de tudo o que estavam a sofrer em nome das suas próprias tentativas de constituir uma família.

Nova salva de disparos emanou do exterior. Dentro do apartamento, alguém chamou por ele. Comovido, incapaz de deixar a criança ali, Armand pegou-lhe delicadamente, embrulhando-a com os braços. Era um menino, lindo e puro como só os inocentes conseguem ser.

O bebé soltou um choro agudo e repentino. Mas depressa se acalmou, os olhos de cor indefinida surpreendentemente abertos, fixos no seu protector. Tocado por um milagre, o diplomata sorriu-lhe, maravilhado. Debaixo do acusatório olhar da menina, encostou-o ao peito e fez-se à porta. Não mais o largou.

Norte de Londres, Inglaterra
Cemitério de Highgate,
vinte e oito anos depois

Protegido da chuva incessante pelos guarda-chuvas, um número reduzido de pessoas transpõe os portões altos, cobertos de vegetação, e começa a caminhar ao longo da avenida. Segue atrás de uma carrinha com a retaguarda envidraçada e que transporta um pesado caixão de madeira no interior, velado de perto por uma sucessão inacabável de jazigos vitorianos e árvores de porte ancestral.

Tal como o profundo voto de pesar que une a marcha sepulcral, o dia nasceu soturno, ausente de luz, pintado em tons lúgubres e frios. Uma torrente de água cai copiosamente há um dia e meio, data em que o corpo que na urna é transportado foi forçado a abraçar a morte. Uma tristeza indelével, um passageiro frequente que se recusa a abandonar a cidade e que parece partilhar do sentimento de amargura e mágoa que domina o cortejo.

A sua vida foi breve, plena, embora repleta de decepções e mágoas, mais do que alguma vez deveria ter sido obrigado a suportar. Muitos gostariam de se terem despedido dele, de terem tido o privilégio de estarem na sua companhia só mais uma vez, embora a natureza privada da sua profissão, acrescida das circunstâncias peculiares em que perdeu a vida, de todo o tenham impedido. Criado no seio de uma família de espíões, decerto que o teria compreendido. Reservado por natureza, é até plausível que esse fosse o seu derradeiro desejo.

Entre amigos e familiares mais próximos, um homem desgastado pela passagem do tempo procura conforto na memória de uma noite remota. Vestido com um fato e gravata escuros, sobrepostos

a uma fina camisa branca, os olhos tremem-lhe, cansados, em luta permanente com as ondas revoltas de um mar amargo que ameaçam transbordar a qualquer instante. Antigo vice-embaixador francês em Londres, actual dignitário máximo do mesmo cargo diplomático na capital portuguesa, apoia-se na mulher e em Sara, a sua ainda jovem filha, enquanto recorda a noite em que conheceu aquele que veio a ser o seu primogénito. Adoptado com poucos dias e em condições de saúde muito débeis, foi uma criança terna, algo diferente; um adulto brilhante que a ele só o encheu de orgulho e que nem mesmo assim foi incapaz de escapar a um fado triste.

O funeral descreve uma curva suave e envereda por um caminho mais apertado. É rodeado por inúmeros arbustos e canteiros de flores selvagens, um pequeno paraíso para pássaros e outros animais, testemunhas silenciosas da viagem de mais um corpo até à sua última morada. Uma concessão especial, em respeito à especificidade do caso e influência da família, porém, algo habitual, dada a proeminente lista de filósofos, romancistas, políticos e cientistas notáveis que ali têm ficado a repousar. Reserva natural por direito próprio, Highgate é um local belo e intrigante, rico em arquitectura e paisagem, fonte eterna de mitos e lendas, o refúgio perfeito para alguém que será eternamente memorável.

A visão de um monte de terra faz a procissão parar. Desprovida de vento, a chuva intensifica-se ainda mais. Reunido para o último adeus, o grupo vestido de luto não arreda pé e, comovido, assiste à saída do caixão para a rua. Vem coberto por várias coroas de flores brancas, as carícias finais de quem o ama mais.

Pressionado pela violência da tempestade, o padre encarregado da missa começa a proclamar as últimas palavras. Cordas fortes abraçam a urna e esta inicia a descida em direcção ao abismo. Vindo de trás, um lamento agudo é contido por alguém. Defronte para a campa aberta, Armand Smith desvia momentaneamente o olhar. Incomensuravelmente carregado de significado, o bonito relógio de pulso que o filho lhe ofereceu quando foi promovido acompanha o movimento descendente do braço e revela-lhe finalmente a boca até então oculta

A HORA SOLENE

pelos dedos. Tem os lábios contraídos numa linha agreste e faz um esforço sobre-humano para não soçobrar. Sente as mãos nervosas de Sílvia cravadas de encontro a si e o rosto da filha enterrado no seu ombro, um sinal de que lutam tanto ou ainda mais do que ele para não se deixarem afundar.

Um silêncio tumular invade o cemitério e a consciência do momento abate-se sobre o embaixador. Com os olhos lavados em lágrimas, ele não resiste mais e prepara-se para assistir ao inevitável. Chegou a hora, há que o aceitar. À sua frente, terra começa a cair sobre o caixão.

Trinta e seis horas antes

«Falo-vos pela primeira vez enquanto primeiro-ministro numa hora solene da vida do nosso país, do nosso império, dos nossos aliados e, acima de tudo, da causa da Liberdade. Uma batalha tremenda está a irromper [...] Existem evidências de que praticamente a totalidade das forças especializadas e mecanizadas do inimigo foram colocadas em batalha; e é do nosso conhecimento que elevadas baixas lhes foram infligidas. Nenhum militar ou homem, nenhuma brigada ou divisão que se venha a deparar com o inimigo, seja em que lugar o for, poderá deixar de contribuir. Os exércitos devem deixar de resistir atrás das trincheiras ou de obstáculos naturais e compreender que a superioridade só poderá ser recuperada através de um furioso e inexorável ataque. E este espírito não deverá apenas motivar as forças armadas, como todo e qualquer homem disposto a lutar.»

Vós, homens de valor.

Discurso de Winston Churchill,
BBC Radio, 19 de Maio de 1940.

NUNO NEPOMUCENO

Lutai, vós, homens de valor.

Londres, Reino Unido.

Numa fria noite de tempestade, um homem é esfaqueado e abandonado na rua. A poucos quilómetros de distância, um terrorista pertencente a uma organização criminosa auto-intitulada *O Gótico* entrega-se aos serviços secretos. Ao mesmo tempo, um avião sofre um violento atentado ao sobrevoar a Irlanda e um vídeo é enviado à redacção de uma famosa cadeia televisiva.

A intriga acentua-se quando um milionário começa a ser alvo de extorsão. No centro destes acontecimentos, encontra-se André Marques-Smith. Alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o espião português é obrigado a protegê-lo. Mas não está sozinho. Foragidos, dois colegas dissidentes regressam e revelam ao mundo a verdadeira génese de um antigo projecto de manipulação genética. E há ainda uma mulher. Em parte incerta, esta enigmática espia de feições orientais poderá ser a chave de todo o mistério. Mas que explicação haverá para o seu desaparecimento? Conseguirão os dois agentes ultrapassar o fosso criado entre eles?

Através de uma viagem frenética por entre os deslumbrantes cenários reais de Moscovo, Londres, Hong Kong, Macau, Praga, o Grande Buraco Azul e Lisboa, os perigos multiplicam-se e André dá por si a lutar pela sobrevivência. Questões sobre ética, moral, religião, família e o valor da vida humana são levantadas. E uma teia de falsas verdades, ilusões e complexas relações interpessoais é desvendada no derradeiro capítulo de uma série policial que já marcou a ficção portuguesa.

Inspirado num discurso de guerra de Winston Churchill, depois de ver o talento confirmado com *A Espia do Oriente*, revelado ao público através da vitória no Prémio Literário Note! 2012 com *O Espião Português*, Nuno Nepomuceno apresenta *A Hora Solene*, a terceira e última parte da trilogia *Freelancer*. Um romance de espionagem imprevisível, no já característico estilo sofisticado e intimista do autor, onde os valores tradicionais da cultura nacional se fundem com uma abordagem inovadora e única que o irá surpreender.

ISBN 978-989-706-002-1



9 789897 060021



TOPBOOKS

É para levar à leitura